

Sem aparelho para exame de hemofilia

Único aparelho da rede pública do DF está quebrado há quatro meses

Priscila Machado

Há quatro meses os pacientes do DF não conseguem realizar exames para detectar distúrbios da coagulação, como a hemofilia. O único equipamento existente na rede pública, o coagulômetro do Hospital de Apoio de Brasília (HAB), está quebrado. Até ontem não havia informação sobre quais providências a Secretaria de Saúde havia adotado para resolver o problema.

Pablo Soares da Silva tem 4 anos de idade. Desde o primeiro ano de vida, o menino apresenta manchas roxas pelo corpo. Os exames laboratoriais mostraram um número de plaquetas no sangue abaixo do normal. Mas os médicos não conseguem diagnosticar o problema do menino porque o aparelho está quebrado há quatro meses. De acordo com a família, o garoto espera pelo resultado do exame há quase um ano. Pablo fez a coleta de exame para o procedimento em fevereiro de 2007.

— Ele colheu sangue em fevereiro do ano passado, mas o exame nunca ficou pronto. Todo mês a gente vai à consulta e a médica conta que o exame não ficou pronto, por causa do problema com o aparelho — contou Ana Lúcia de Oliveira, 25 anos, diarista, mãe de Pablo.

O aparelho que está quebrado, o único da rede pública do DF, foi cedido pela Ong Ajude C e funcionava no HAB. Antes de quebrar, já era difícil atender à toda a demanda. A cada mês, o hospital realizava cerca de 2 mil exames, sendo que, em 10% dos casos, os exames eram de emergência, em pacientes graves. De acordo com a coordenadora do Núcleo de Coagulopatia do DF, Jussara Almeida, a situação é grave.

— O equipamento é essencial, não apenas para o diagnóstico, mas também porque os pacientes precisam de exames periódicos, para detectar se há resistência à medicação e se a dosagem está certa. Os distúrbios de coagulação precisam de um tratamento muito específico. Não é um exame trivial — disse a médica.

Entre os distúrbios de coagulação está a hemofilia, que pode provocar sangramento espontâneo e levar à morte.

Desde o ano passado, o Ministério Público do DF e o Ministério Público de Contas do DF

(MPC/DF) pedem que a Secretaria de Saúde resolva o problema. Na semana passada, a promotora do MP, Lígia dos Reis, e a procuradora-geral do MPC, Cláudia Fernanda de Oliveira, visitaram o HAB, para ver de perto a situação.

— Há um freezer com centenas de amostras de plasma sanguíneo e os exames não podem ser feitos, porque falta o equipamento. A situação é muito grave. Um paciente, por exemplo, sofre há meses com cálculo renal, mas não pode ser operado. Antes ele precisa fazer o exame, que determinará se ele pode se operar sem o risco de ter uma hemorragia na mesa de cirurgia e sangrar até a morte — disse a procuradora-geral.

De acordo com Cláudia Fernanda, mesmo quem pode pagar pelos exames enfrenta problemas, porque nenhum laboratório da rede privada do DF consegue realizar os exames rapidamente. As amostras de sangue precisam ser encaminhadas para outros Estados. Com isso, o laudo pode levar 30 dias para ficar pronto.

Ministério Público cobra da Secretaria de Saúde a resolução do problema

O Ministério Público solicitou explicações à Secretaria de Saúde. A resposta do governo foi que realizou um convênio, no fim do ano passado, com um laboratório particular. Mas para a procuradora-geral, isso não resolve o problema.

— O exame muitas vezes é feito com emergência. O paciente não pode esperar para que o exame seja feito em outro Estado — disse ela.

Para a procuradora-geral, a Secretaria de Saúde já tem médicos capacitados na rede pública e não precisaria contratar os serviços de um laboratório particular. O Laboratório do Núcleo de Hemostasia do Hospital de Apoio tem certificação internacional da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Até o fechamento desta edição, a Secretaria de Saúde não havia se manifestado sobre o assunto.